

## ANÁLISE FUNCIONAL DA EMISSÃO DE TERMOS MENTALISTAS NUMA SITUAÇÃO EXPERIMENTAL CONTROLADA.

Celso Aparecido Athayde Neto

Fabiana Cristina Boencio

João Juliani

Marcos Roberto Garcia

Skinner (1989) analisou a origem do pensamento cognitivo através de algumas palavras que são usadas para descrever estados da mente ou processos cognitivos. Analisou essas palavras de acordo com a etimologia e as dividiu em sete grupos: fazendo; sentindo; mudando e mantendo a mudança; querendo; esperando; pensando; mente. Ao analisar estes termos, ele deixou de lado os conceitos de subjetividade como *causa* do comportamento humano. Leigland publicou em 1989 um artigo intitulado “A Functional Analysis of Mestalistic Terms In Human Observers” (Uma Análise Funcional dos Termos Mentalistas em Observadores Humanos), com o objetivo de estudar as atribuições de causas para o comportamento de pombos. Os sujeitos utilizados foram sete alunos das séries iniciais do curso de Psicologia. Eles observavam um pombo “trabalhando” em uma caixa experimental e foram instruídos a relatar suas impressões em relação à causa do comportamento do animal. Os resultados mostraram que a atribuição de “*causas*” ao comportamento consideradas mentalistas dependia do desempenho do animal na caixa experimental. O estudo apresentado foi uma replicação dos experimentos de Leigland (1989) buscando maior controle sobre a situação antecedente.

### MÉTODO

Esta pesquisa contou com a participação como sujeito, quatro alunos do primeiro ano dos cursos de graduação: Arquitetura, Nutrição, Fisioterapia e Educação Física, divididos em duas duplas. Diferentemente dos sujeitos de Leigland os sujeitos assistiram a um de dois filmes editados com a duração aproximada de 15 minutos cada. Um rato albino pressionando uma barra em esquema de intervalo variável com média de 1 minuto (VI-1min.) compôs o primeiro filme e no segundo filme um rato em esquema múltiplo (MULT) com períodos de  $S^A$  e períodos de  $S^D$  cujo esquema era Razão Fixa

oito (FR-08) e extinção (EXT). Uma das duplas de sujeitos foi denominada G1 (Sujeitos S1 e S2) e assistiu ao filme VI – 1min, e a outra dupla, por sua vez, foi denominada G2 (S3 e S4) e assistiu ao filme MULT. Cada sujeito era convidado a assistir ao filme e orientado a explicar porque o rato estava agindo daquela maneira. Para isso ele deveria interromper a exibição do filme no momento em que fosse apresentar as explicações. Estas deveriam ser ditas em voz alta, em seguida reiniciar a exibição do filme. Para captar as falas havia uma câmera disposta ao lado do sujeito que filmava a tela da TV e, ao mesmo tempo, gravava a voz do sujeito. As fitas foram transcritas e os momentos de pausas foram identificados na curva de desempenho do animal. Todos os termos que foram classificados como mentalistas<sup>1</sup> foram selecionados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO.

Os dois sujeitos do grupo G1 apresentaram quantidades diferentes de emissão de palavras, bem como a quantidade de termos mentalistas, o mesmo ocorreu com os sujeitos do grupo G2. A Tabela 1 apresenta estes resultados.

Tabela 1 – Distribuição dos sujeitos em função da quantidade de termos mentalistas emitidos.

Grupo	Sujeitos	Quantidade de palavras emitidas	Quantidade de termos mentalista identificados	Porcentagem.
G1 – Esquema de Intervalo Variável	S1	155	04	2.6
	S2	213	14	6.6
G2 – Esquema múltiplo	S3	124	01	0.8
	S4	273	13	4.8

A primeira “fala”<sup>2</sup> apresentada pelo S1 ocorreu no 16º segundo e a segunda no 104º segundo de sessão, até este momento o rato ainda não tinha apresentado nenhuma resposta de pressão à barra. Nas suas “falas” este

<sup>1</sup> Foram considerados termos mentalistas todos e quaisquer palavras ou expressões que se referiam às explicações envolvendo estados internos (pensar, intuir, adivinhar, etc.) e atribuições de causas a entidades metafísicas (mente, inconsciente, etc.)

<sup>2</sup> Esta palavra é utilizada pelos pesquisadores para referir aos períodos de verbalização do sujeito. No trabalho de Leigland (1989) é usado o termo *entries*.

sujeito descreve o comportamento do rato e infere que ele estava com vontade de sair da caixa de Skinner. O S2 apresentou 16 verbalizações. Destas, 12 foram emitidas nos períodos em que o rato não estava pressionando a barra. As três primeiras verbalizações ocorreram quando o rato ainda não tinha apresentado nenhuma resposta de pressionado à barra. Importante ressaltar que as “*falas*” apresentadas pelo S2 inferem intenções ao rato de sair da caixa, bem como atribui a este animal sentimentos de fome, nervoso e calmo. O S3 apresentou cinco “*falas*” ao longo da sessão. A primeira “*fala*” desse sujeito ocorreu após a emissão do comportamento de pressão à barra. As “*falas*” desse sujeito descrevem a situação experimental com relativa precisão. Foram apresentadas pelo S4 16 “*falas*”. Como ocorreu com S1 e S2 a primeira “*fala*” foi apresentado antes de o rato emitir a resposta de pressão à barra. As “*falas*” do S4 descrevem diferentes momentos da situação experimental ( $S^D$  e  $S^A$ ), descrevem o comportamento do rato e inferem sentimentos e estados internos do animal.

A quantidade de palavras emitidas é diferente entre os sujeitos de cada grupo, o que mostra que o número de palavras emitidas não está diretamente relacionado com o tipo de esquema apresentado no vídeo. O sujeito S3 passou mais tempo observando o comportamento do animal antes de apresentar sua primeira “*Fala*”, quando comparado com os sujeitos S1, S2 e S4 e foi o sujeito que emitiu menos termos considerados mentalistas. Parece que após a primeira verbalização o comportamento do animal funcionava como consequência da “*Fala*”, influenciando na frequência da mesma. Isto permitiu afirmar que o tempo de observação do filme, antes da primeira verbalização, pode ter sido crucial para a frequência de emissão de termos mentalistas, durante toda a sessão experimental.

## Referências

LEIGLAND, S. (1989) A Functional Analysis of Mentalistic Terms in Human Observers. The Analysis of Verbal Behavior.

SKINNER, B.F. (1957) Verbal Behavior. New York: Appleton-Century-Crofts.

SKINNER, B. F. (1989) The Origins of Cognitive Thought. American Psychologist. 44, 13-18.